VIDAS ADOLESCENTES INTERROMPIDAS

Um estudo sobre mortes violentas no Rio de Janeiro

Ilustrações: Caique Nonato

iniciativa

COMITÊ PARA PREVENÇÃO DE HOMICÍDIOS DE ADOLESCENTES NO RIO DE JANEIRO

realização

OBSERVATÓRIO DE FAVELAS

ISER

apoio

MPRJ
MINISTÉRIO PÚBLICO
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

parceria estratégia

unicef
para cada criança

Em uma região da Zona Norte, a taxa de mortes violentas intencionais entre adolescentes em 2017 foi seis vezes superior à da cidade do Rio de Janeiro. Naquele ano, houve 28 homicídios de adolescentes nesta área.

Este estudo se debruça sobre as histórias de 25 destes meninos e meninas. Maria Eduarda Alves da Conceição, morta aos 13 anos dentro da escola, durante uma operação policial, é uma dessas vítimas.

Três anos depois, apenas em dois casos a investigação avançou rumo à punição dos autores. As famílias das demais vítimas continuam à espera de reparação e justiça.

Foto: reprodução

Foto: Tania Rego / Agência Brasil

O ESTUDO

OBJETIVO

Contribuir para propostas precisas e concretas das instituições do **Comitê para Prevenção de Homicídios de Adolescentes no Rio de Janeiro** para a promoção de oportunidades e proteção da vida de adolescentes vulneráveis.

COMITÊ PARA PREVENÇÃO DE HOMICÍDIOS DE ADOLESCENTES NO RIO DE JANEIRO

- Iniciativa: Comitê para Prevenção de Homicídios de Adolescentes no Rio de Janeiro
- Realização: ISER e Observatório de Favelas, com parceria técnica do LAV/UERJ, apoio do Ministério Público do Rio de Janeiro e parceria estratégica do UNICEF

- O Comitê para a Prevenção de Homicídios de Adolescentes no Rio de Janeiro foi criado em maio de 2018.
- É uma instância intersetorial de pesquisa, debate, mobilização e incidência para o desenvolvimento e fortalecimento de políticas públicas de prevenção de homicídios de adolescentes.
- Reúne 20 instituições do Sistema Judiciário, Legislativo, Poder Executivo Municipal e Estadual, Sociedade Civil e Organizações Internacionais, além de um membro observador.
- O Comitê conta com a participação efetiva de adolescentes e jovens.

O ESTUDO

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Compreender as **circunstâncias dos homicídios** de adolescentes na região com maior taxa de letalidade violenta contra adolescentes na capital fluminense em 2017.

Conhecer a **atuação policial no território e o andamento das investigações** destas mortes.

Apurar como a **rede de proteção** se fez presente nas trajetórias desses adolescentes.

FONTES DE INFORMAÇÃO

Realizado entre julho de 2019 e junho de 2020, o estudo analisou dados e documentos oficiais e fez entrevistas no território. As principais fontes de informação foram:

- Microdados do Instituto de Segurança Pública (ISP)
- Visitas a campo
- Registros de ocorrência e laudos periciais
- Entrevistas com integrantes de unidades da rede de proteção social e representantes da sociedade civil
- Dados das secretarias municipais de Educação, Saúde e Assistência Social e Direitos Humanos
- Informações do Centro de Pesquisas do Ministério Público do Rio de Janeiro

MORTES VIOLENTAS DE ADOLESCENTES NO RJ

MORTES VIOLENTAS DE ADOLESCENTES NO RJ

2.484

adolescentes foram vítimas de mortes violentas intencionais no Estado do RJ entre janeiro de 2013 e março de 2019.*

79%

dos adolescentes vítimas de mortes violentas intencionais no período são negros.

76%

tinham entre 16 e 17 anos.

*Fonte: Instituto de Segurança Pública

VÍTIMAS OCULTAS PELA AUSÊNCIA DE DADOS

28%
no Estado do RJ

35%
na Capital do RJ

Parcela dos registros de letalidade violenta que não informa a idade das vítimas

Homicídios decorrentes de intervenção policial têm a maior proporção de registros sem idade

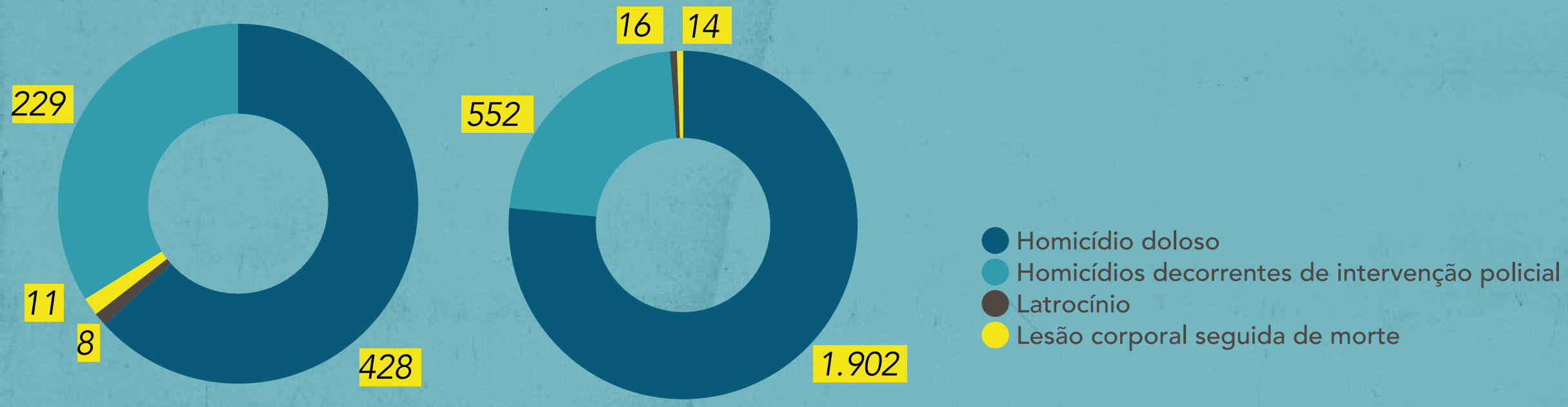
44%
no Estado do RJ

42%
Capital do RJ

Fonte: Instituto de Segurança Pública (jan. 2013- mar.2019)

HOMICÍDIO, PRINCIPAL CAUSA DE MORTE

Letalidade violenta intencional de adolescentes
janeiro de 2013 - março de 2019



648 mortes
violentas na Capital do RJ

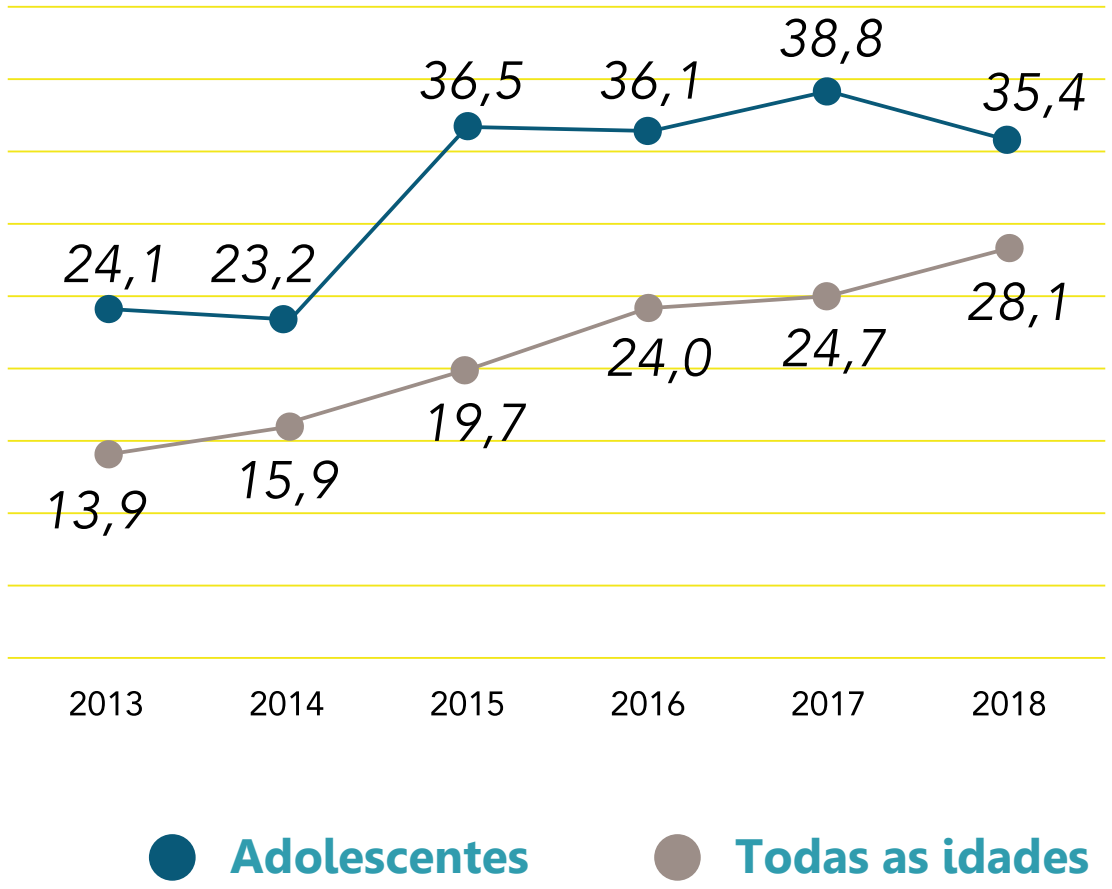
2.484 mortes
violentas no Estado do RJ

Fonte: Instituto de Segurança Pública

HOMICÍDIO, PRINCIPAL CAUSA DE MORTE

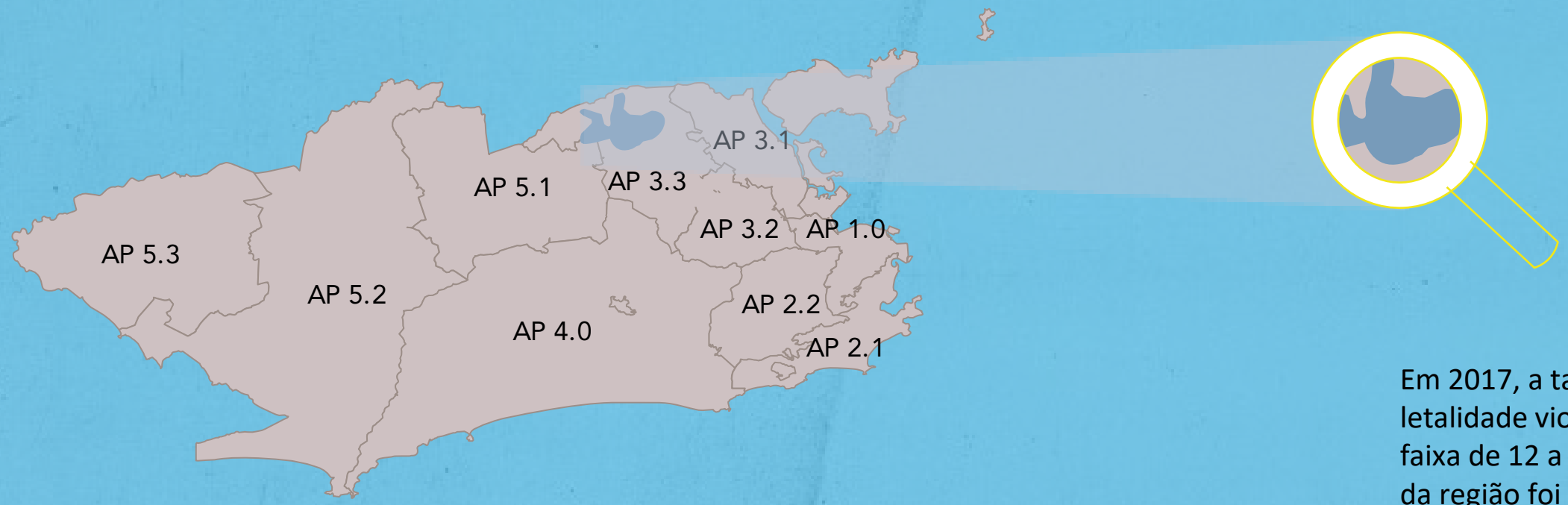
A proporção das mortes causadas por agentes do Estado **cresceu nos últimos anos** e chegou a cerca de 40% entre janeiro e março de 2019 na capital e no estado do Rio de Janeiro.

Proporção (%) de homicídios decorrentes de intervenção policial em relação ao total da violência letal intencional – Adolescentes
2013-2018 - Capital do RJ



25 VIDAS INTERROMPIDAS

A ÁREA MAIS LETAL DO RIO DE JANEIRO



O território estudado se localiza dentro do perímetro da Área de Planejamento 3.3, que abrange **20 bairros da Zona Norte e três complexos de favelas**: Acari, Chapadão e Pedreira.

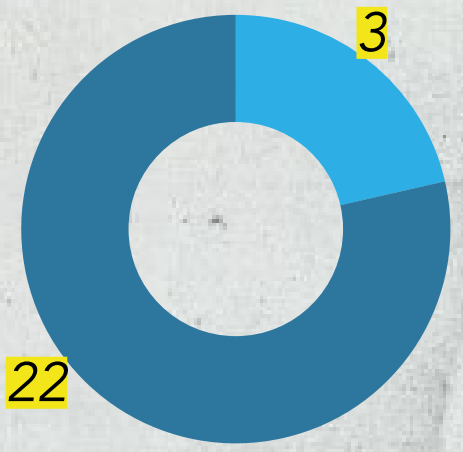
Em 2017, a taxa de letalidade violenta na faixa de 12 a 17 anos da região foi de 129,4 por 100 mil habitantes, **seis vezes superior à da cidade**, que foi de 21,7 por 100 mil.

Fonte: Instituto de Segurança Pública

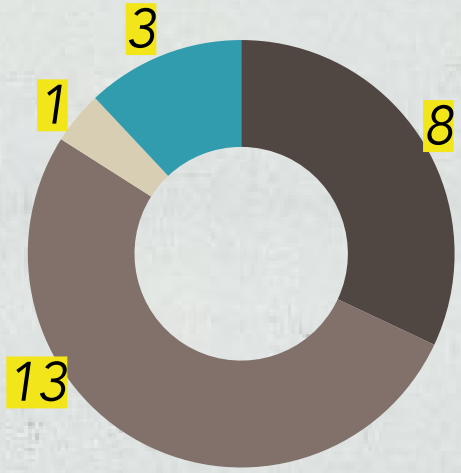
25 VIDAS ADOLESCENTES INTERROMPIDAS

Na área escolhida como recorte, **28 adolescentes morreram violentamente em 2017**. Este estudo teve acesso aos documentos relacionados a 25 vítimas, incluindo:

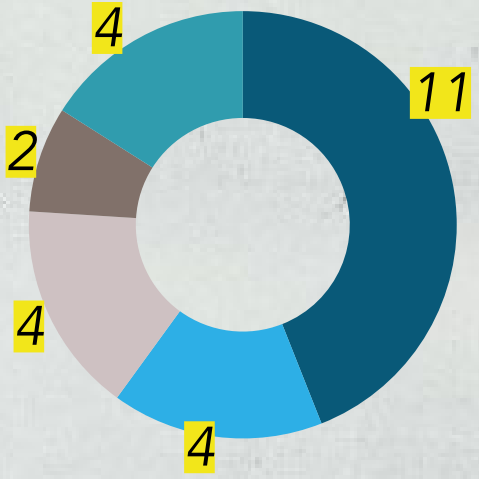
- registros de ocorrência
- laudos de necropapiloscopia (identificação da vítima a partir das digitais)
- laudos de necropsia (natureza das lesões e causa provável da morte)



Masculino Feminino



Pardos Pretos
Ignorado Brancos

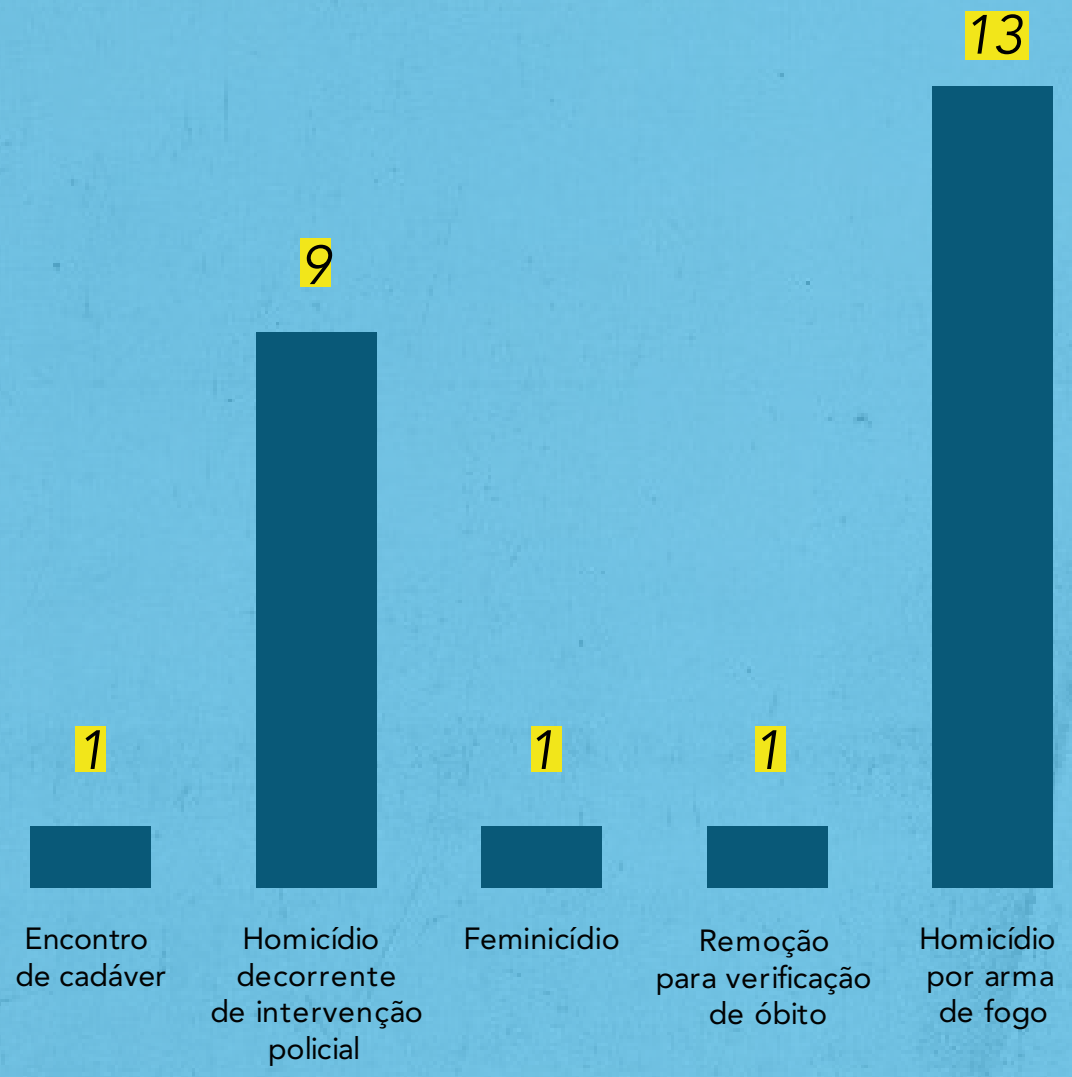


17 anos 16 anos 15 anos
13 anos 14 anos

25 VIDAS ADOLESCENTES INTERROMPIDAS

Os registros de ocorrências mostram que os **adolescentes do sexo masculino, negros e de 17 anos** na época do óbito predominam entre as 25 vítimas.

O QUE REVELAM OS REGISTROS POLICIAIS



Das 25 vítimas, 23 morreram por arma de fogo

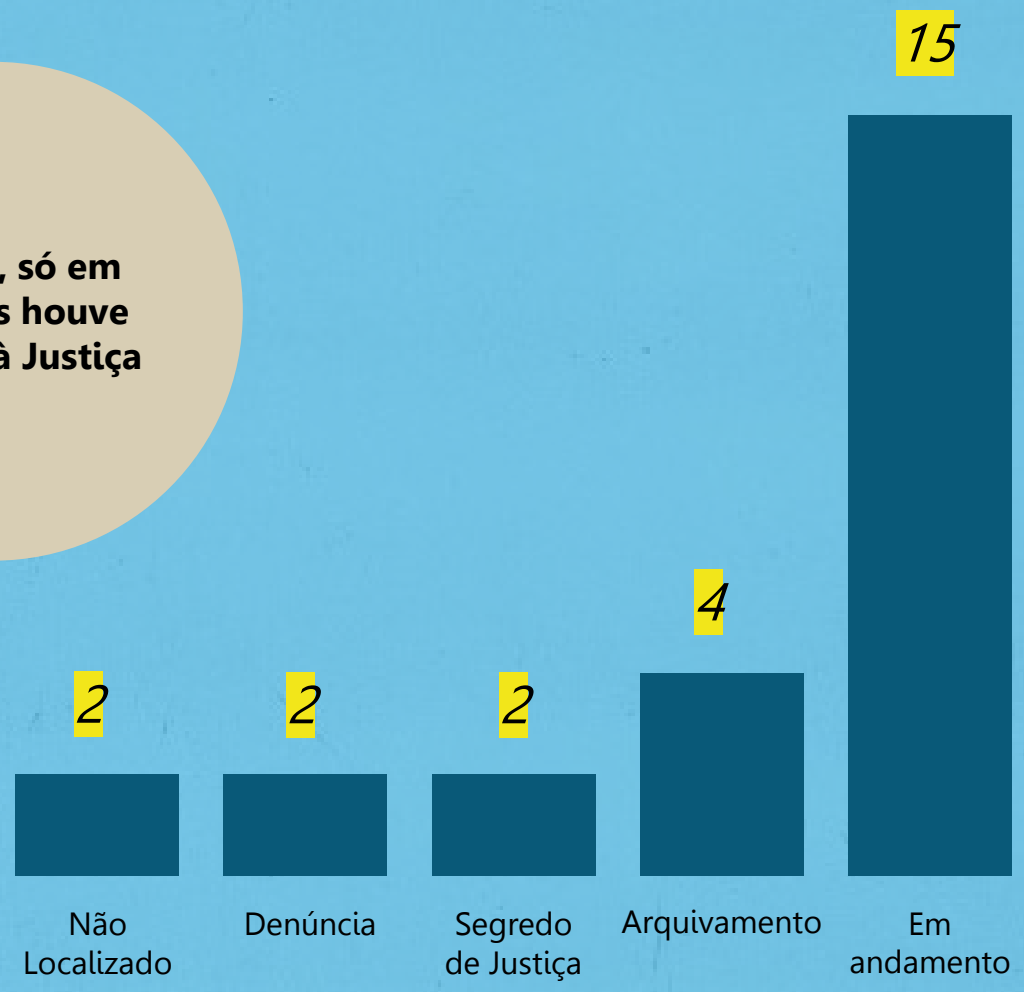
- Entre os mortos pela polícia, seis foram registrados como pardos, dois como negros e um como de "cor ignorada". **Não houve vítimas brancas**.
- **Policiais militares foram responsáveis** por todas as nove mortes decorrentes de intervenção policial; em quatro delas, as vítimas foram atingidas por mais de um tiro.
- Entre os mortos pela polícia, seis eram pardos, dois negros e um foi registrado como de "cor ignorada". **Não houve vítimas brancas**.
- Nenhuma vítima morta pela polícia portava fuzil. Em dois casos, **as vítimas estavam desarmadas.**

INVESTIGAÇÕES PRECÁRIAS

- **Não houve perícia** no local em 17 dos 25 casos analisados.
- Em 13 casos, a **cena do crime foi alterada e a vítima foi removida pela polícia** para uma unidade de saúde. Só 4 passaram por cirurgia.
- Registros de ocorrência praticamente **só consideram as narrativas de policiais** e oferecem poucos elementos para investigações.
- Em todos os laudos, peritos registraram a **impossibilidade de realizar exames de Raio -X**, o que impede, por exemplo, a localização de projéteis.
- Alguns laudos de necrópsia **contém expressões de cunho racista**, como descrições de cabelos como "encarapinhado" ou "miojo" e solicitam exames toxicológicos das vítimas.

Status do processo e números de casos

Até 2020, só em dois casos houve denúncia à Justiça



Fonte: CENPE/ MPRJ

REDE DE PROTEÇÃO: PRECARIZADA E DESARTICULADA

EDUCAÇÃO

Parte significativa das vítimas **já havia deixado a escola na época da morte**. Um dos adolescentes não tinha histórico de matrícula no Rio de Janeiro, mas não se sabe se esteve inscrito em outro município fluminense.

- 7 adolescentes transferidos para outros municípios
- 10 matriculados regularmente
- 7 haviam abandonado a escola
- 1 sem registro de matrícula

SAÚDE

- Dos 25 adolescentes, 20 tinham **histórico de atendimentos em clínicas da família**.
- No entanto, não há registro de um **acompanhamento de médio e longo prazos** ou especializado.
- Os atendimentos mais relatados foram os de **saúde bucal**.
- Não há registros de atendimento dos adolescentes junto ao **Núcleo de Apoio à Saúde da Família – NASF**

ASSISTÊNCIA SOCIAL

- A maioria dos adolescentes tinha **cadastro nos serviços de assistência**, mostrando a cobertura ampla da rede.
- Há registros de atendimento para quase **metade dos inscritos**.
- Só em dois casos os jovens e seus familiares faziam parte do **Programa de Atendimento Integral à Família – PAIF**.

SÓCIOEDUCATIVO E ABRIGAMENTO

- Somente três das 25 vítimas tinham **cumprido medida no sistema socioeducativo** em meio fechado.
- **Apenas um** dos adolescentes tinha cadastro em unidade de acolhimento.

Os registros da rede municipal de Educação, Saúde e Assistência Social mostram que esses serviços **foram acessados pela maioria** dos adolescentes ou por suas famílias.

Mas estes sistemas **agem de forma desarticulada e têm dificuldade em estabelecer um acompanhamento** a longo prazo dos adolescentes e seus familiares.

REDE DE PROTEÇÃO – RELATOS

Os dados sobre os atendimentos aos 25 adolescentes se completam com 14 entrevistas de profissionais atuantes no território, incluindo:

- Psicólogos
- Assistentes sociais
- Agente comunitário de saúde
- Enfermeira
- Conselheiro tutelar
- Gestores de unidades
- Integrantes da sociedade civil

- **A continuidade dos atendimentos** e a criação de vínculos entre os serviços de proteção e os adolescentes são desafios.
- **As unidades da rede de proteção** não atuam de forma integrada, obrigando usuários a muitas idas e vindas, desestimulando a adesão ao atendimento.
- Entrevistados destacaram a dificuldade de dialogar e interagir com o **Conselho Tutelar.**
- **Rede sofre com falta de recursos** humanos e infraestrutura, principalmente na Saúde e Assistência.

- **A saúde mental** é uma das vulnerabilidades mais visíveis entre adolescentes; são frequentes os relatos de automutilação e ideações suicidas.
- **Não há programas de atendimento** ou equipamentos dedicados às vítimas de violência letal ou a seus familiares e amigos.
- **Os jovens negros**, os mais vulneráveis à violência letal, não contam com políticas específicas.

- **A violência armada** nos territórios impacta a rotina dos adolescentes, restringindo sua circulação e o acesso aos serviços da rede de proteção.
- **As operações policiais** afetam a mobilidade dos adolescentes e prejudicam o funcionamento dos serviços e equipamentos públicos, chegando a causar a interrupção de atividades.

MORTES VIOLENTAS DE ADOLESCENTES: É POSSIVEL PREVENIR

Em novembro de 2020, o estudo foi apresentado ao Comitê como uma contribuição **para políticas e ações concretas** por parte das instituições integrantes.

Em 2021, o Comitê iniciará um novo ciclo de atuação e irá avançar na **elaboração de recomendações e monitoramento** para fortalecer a rede de proteção de adolescentes, especialmente os mais vulneráveis.

Nesse sentido, o estudo traz oito pontos centrais para o debate:

1

Equipamentos públicos precisam ter **equipes e estrutura fortalecidas** para que possam oferecer atendimentos especializados e regulares a adolescentes.

2

Criar **políticas específicas para adolescentes negros** é central para que acessem os serviços da rede de proteção e de garantia de direitos.

3

É necessário colocar em prática a **resolução do MPRJ** que prioriza as investigações das mortes violentas de crianças e adolescentes.

4

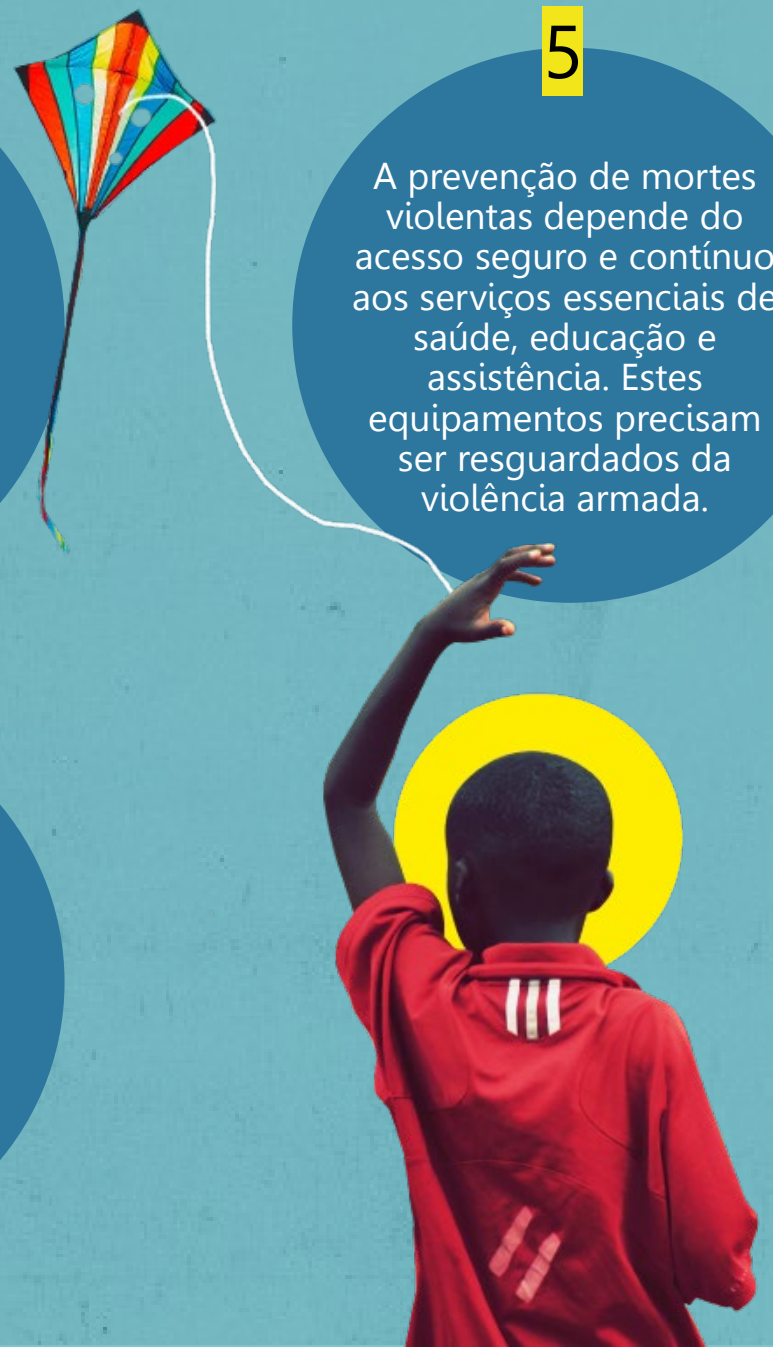
O **papel dos Conselhos Tutelares** na garantia de direitos de crianças e adolescentes precisa ser estimulado e fortalecido.

5

A prevenção de mortes violentas depende do acesso seguro e contínuo aos serviços essenciais de saúde, educação e assistência. Estes equipamentos precisam ser resguardados da violência armada.

6

É preciso garantir que os padrões de atuação policial em favelas e periferias respeitem sempre os direitos e a vida dos moradores.



7

Os traumas resultantes da **exposição à violência** exigem a construção de metodologias de atendimento a familiares e amigos de vítimas.

8

A **fragilidade das investigações e dos procedimentos periciais** precisa ser enfrentada pelas instituições policiais para garantir a elucidação dos crimes e a responsabilização dos seus autores.

Acesse o relatório completo em:

www.unicef.org.br/biblioteca

www.of.org.br

www.iser.org.br

iniciativa

COMITÊ PARA PREVENÇÃO DE HOMICÍDIOS DE ADOLESCENTES NO RIO DE JANEIRO

realização

OBSERVATÓRIO DE FAVELAS

ISER

apoio

MPRJ
MINISTÉRIO PÚBLICO
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

parceria estratégia

unicef
para cada criança